

FARROUPILHA, 25 DE JULHO DE 2024

O FARROUPILHA

EDIÇÃO HISTÓRICA

25 DE JULHO DE 2024

200



O bicentenário de um legado

1824-2024

Na celebração dos 200 anos da Imigração Alemã no Brasil, o Jornal O Farroupilha resgata fatos históricos dos imigrantes na Serra Gaúcha e traz entrevistas exclusivas com descendentes que se orgulham de suas origens e se destacam na comunidade.



CADERNO ESPECIAL DA EDIÇÃO 2.424 DO JORNAL O FARROUPILHA. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

Há 200 anos, um capítulo indelével começava a ser escrito na história do nosso Brasil, do nosso Rio Grande do Sul: a chegada dos imigrantes alemães, que trouxeram sonhos e sobrenomes, tradições e esperança.

Tudo continua forte!

Ao longo de gerações, vidas se uniram em um enredo perfeito de progresso, mantendo acesa a chama que faz de um povo ser o que é. Das tradições culinárias aos costumes festivos, da língua materna aos legados familiares que resistem ao tempo e são aprimorados pelos descendentes que, orgulhosos de suas raízes, cumprem seus destinos: Marcia Fetter Nicoletti, Suzana Hart Schneider, Ilário Flach, Glaci Weirich Silvestrin, família Rössler, Elisete Lenger Maioli, Leonardo Weissheimer, Francisco Inácio Backes, Walter Arenhardt, João Carlos Schmitz e tantos outros descendentes de alemães que estão pelo estado e país.

Terra abençoada a nossa por acolher ricas e distintas culturas!

Na capa desta edição especial dos 200 anos da Imigração Alemã, a imagem principal traz o Hotel Veraneio Blauth e Haupt, com a presença de hóspedes e de uma banda de músicos. Nas fotos menores: o trem de passagem pelo Desvio Blauth, integrantes da família Rossler, um evento nos primórdios de Farroupilha junto à Estação Férrea do Centro, no atual largo Carlos Fetter, alemão que doou as terras que impulsionaram o desenvolvimento urbano junto aos trilhos do trem.

Tudo entrelaçado em fatos que ecoam através do tempo como um tributo à coragem daqueles que vieram antes de nós.



EXPEDIENTE

O FARROUPILHA

FUNDADO EM 20 DE SETEMBRO DE 1981
Rua Luiz Ornaghi, 141 - Farroupilha/RS

Telefone: (54) 9 9237-4733 | 9 94027777

E-mail: contato@ofarroupilha.com.br

Site: www.ofarroupilha.com.br

Instagram: @ofarroupilha

Facebook: fb.com/ofarroupilha

Twitter: @ofarroupilhaweb

DIREÇÃO

direcao@ofarroupilha.com.br
Jorge E. Bruxel

EDIÇÃO

Claudia Iembo
claudia@ofarroupilha.com.br

Silvestre Santos
silvestre@ofarroupilha.com.br

DIAGRAMAÇÃO

producao@ofarroupilha.com.br
Valnir Peralta Fernandes

PROJETO GRÁFICO

jornalista@robertoferrari@gmail.com
Roberto Ferrari





**Fetter
Nicolletti**
Marcia

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE



Expressiva ascendência

Vinda de uma família com importantes nomes que figuram no desenvolvimento de Farroupilha, Marcia Fetter Nicolletti segue contribuindo com as realizações do município para reverenciar o passado

Carlos Fetter, o grande doador de terras para o desenvolvimento do município

Toda pessoa tem uma história, diferente de qualquer outra, e que começa antes mesmo do nascimento, com o protagonismo de seus antepassados que, pelos seus feitos, acabam eternizando seus nomes, transmitindo o legado conquistado de geração a geração. Marcia Fetter Nicoletti, a neta de Edmundo Fetter e João Farinon, tem a vida inserida neste contexto.

Pelos fatos históricos, os sobrenomes de seus avós contam sobre a contribuição imensurável deles ao desenvolvimento de Farroupilha. Edmundo Fetter era filho de Carlos Fetter, que herdou 420 hectares de terras e passou a doar parte delas, como o terreno em que foi construída a estação férrea da cidade, onde se formou ao redor todo o

centro, a Igreja Matriz – mesmo sendo luterano – a igreja Luterana e tantos outros para diversas instituições. Foi ele quem fundou, em suas terras, a primeira sociedade recreativa da qual foi presidente por muitos anos, hoje Clube do Comércio. Do lado materno da família, os fundadores de um dos primeiros comércios de Farroupilha: a Casa Farinon.

Dos expressivos antepassados, emancipadores de Farroupilha em 1934, descendiam Itto Fetter e Octavina Bartelle Farinon que se casaram e tiveram Juliano, Geolar e Marcia. “Cresci de forma diferente e como reverência ao passado procuro dar sequência às realizações, por isso sempre me mantive muito participativa na comunidade”, enfatiza Marcia.

Empreendedora e engaja-

da em atrair desenvolvimento ao município, assim como seus antepassados, traz investimentos como o Hotel Ibis Budget, Nic Eventos Corporativos, postos de combustível e ainda se dedica ao voluntariado: neste momento está como atual diretora convidada da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), coordenadora da CDL Mulher de Farroupilha e membro do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR).

Formada em Psicologia, com pós-graduação em Gestão de Pessoas, Marcia trabalhou por 25 anos no hospital em que nasceu, o São Carlos, onde marcou importantes contribuições em projetos de humanização ao longo de sua carreira. Entre os anos de 2003 a 2013 esteve à frente de projetos que se destacaram dentro do hospital, como o Dr Sorinho (composto por várias atividades voltadas ao acolhimento das crianças e dos pais e acompanhantes na ala da pediatria), apresentado em dois Congressos Estaduais e no primeiro Seminário Nacional HumanizaSus, em Brasília, levando o hospital São Carlos a ser referência em humanização na época e também Turma do Sorriso, que oferecia música pelos corredores e leitos do hospital.

Manteve consultório por décadas e em 2015 passou a exercer suas atividades profissionais nos postos de combustível dela e do marido Rodrigo Nicoletti, com quem se casou em 1990, e teve dois



Marcia com a riqueza do material que conta passagens de sua história e a de sua família

Claudia Iembo



Projetos de humanização no hospital que também foram contribuições ao município

filhos: Manuela, 31 anos, e Ricardo, 23.

Os filhos atualmente estão morando fora do Brasil: Manuela é diplomata cultural no Marrocos e Ricardo, administrador de empresas, está se especializando nos Estados Unidos. Ela e o marido Rodrigo têm como hobby viajar e às vezes, de moto. “Começamos o namoro em cima de uma moto e até hoje gostamos de

nos aventurar. Trabalhamos para isso”, declara.

Em 2008, a filha Manuela foi Rainha do Clube do Comércio, o mesmo fundado pelo bisavô Carlos Fetter, em terras da própria família, e com o qual as gerações seguintes teriam também forte ligação: o avô de Marcia, Edmundo Fetter, foi presidente e seu pai Itto foi intitulado o único sócio-vitalício.

Rainha do Cinquentenário

Por falar em beleza, antes das conquistas da vida adulta, a beleza de Marcia lhe rendeu títulos inesquecíveis na adolescência, como: Miss Brotinho, aos 13 anos, em Arroio do Sal, Embaixatriz do Turismo e naquele mesmo ano, 1984, Rainha do Cinquentenário (50 anos de emancipação de Farroupilha), na gestão de Wilson Cignachi. "Foi uma festa muito grandiosa! Fecharam os dois pavilhões do parque Cinquentenário e construíram uma passarela que atravessava o local todo, com um público de mais de seis mil pessoas. A cidade parou para aquele evento e ter ganhado me deu uma responsabilidade muito grande por representar nosso muni-

cípio em vários âmbitos, me fez amadurecer muito aos 16 anos", diz, mostrando o álbum de fotos carinhosamente organizado por sua mãe.

Vale dizer que a antecessora de Marcia foi Silvia Jaconi, eleita rainha em 1934. O título é concedido a cada 50 anos e diante disso, ela diz: "Esse ano estamos com 90 anos de emancipação política e eu espero passar meu título nos 100 anos do nosso município".

Marcia participou do concurso de beleza representando a CDL, já que naquele tempo seus pais eram comerciantes com a Casa Farinon, de seu avô materno João Farinon.

A entidade, da qual é diretora, ocupa hoje o lugar físico onde seus antepassados Fetter começaram a escrever suas histórias, ajudando a impulsionar o progresso da cidade que hoje conhecemos e temos como nossa.



Silvana de César, Suzane de Souza, Marcia Fetter e Cláudia Pedó



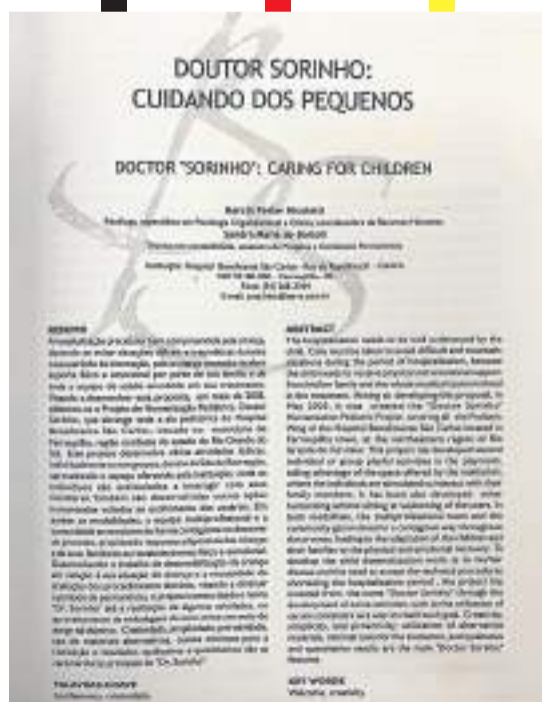
Rogério Portolan, Lúcia Portolan, Jorge Gilberto, Arruda, Ricardo Ló e Rodrigo Portolan, na época integrantes da equipe da Rádio Miriam, na cobertura do evento de escolha da Rainha do Cinquentenário



Rainha dos 50 anos de emancipação política de Farroupilha

“Cresci de forma diferente e como reverência ao passado procuro dar sequência às realizações”

// Márcia Fetter



Artigo escrito sobre o projeto Dr. Sorinho para a escola pública do RS



Com os pais Itto e Octavinha quando foi embaixatriz do turismo de Farroupilha, em 1984



Construção da Igreja Matriz



Primeiros comércios da cidade



Tiro de Guerra em frente a um empreendimento da família Fetter



Inauguração da estação férrea do município



Clube Vicentino



Praça da Bandeira, onde é o Clube do Comércio hoje

Lado alemão

As recordações daquele tempo levam às confissões: “Lembro-me que não queria participar, mas o brilho nos olhos do meu pai me convenceu porque ele queria que eu representasse a família e nós dois éramos muito ligados! Acho que sou a filha que mais se identifica com o lado alemão da família”, revela ainda mencionando que não se esquece que ouvia da sala as bandinhas alemãs que o pai escutava no rádio do quarto.

Quando fala do pai, Marcia demonstra toda sua admiração pelo homem que foi candidato a prefeito de Farroupilha no final da década de 60, eleição vencida por Avelino Maggioni. “O pai gostava de conversar, de fazer festa, trabalhava muito, mas levava a vida de forma mais leve... puxei a ele”, entrega.

Feliz com as conquistas alcançadas, Marcia dedica seus dias aos postos de combustível Nicolletti, onde trabalha também no desenvolvimento das equipes, que contam com 20 profissionais.

Cumpre sempre o planejamento das viagens com

o marido, mas diz que não troca sua cidade, Farroupilha, afinal, além de ser seu berço, aqui tudo conta a história de sua família e a sua própria, numa ligação mágica entre lugares e nomes: Casa Farinon, Largo Carlos Fetter, Rua Edmundo Fetter, Rua Itto Fetter ... tudo para celebrar suas raízes, crescidas em terras adoradas por ela e pelos seus antepassados.

REPORTAGEM:
CLAUDIA IEMBO
claudia@ofarroupilha.com.br

O agro é o nosso chão.



Plano Safra Banrisul

2024/25

R\$ 12,2 Bilhões

O maior plano safra da história do Banrisul.

Recursos disponibilizados para todos produtores rurais: pequenos, médios e grandes, com aumento de 28% a mais de recursos para a Agricultura Familiar.

Vamos juntos semear um novo ciclo. Conte com o Banrisul.



SAC 0800 646 1515

Ouvidoria 0800 644 2200

banrisul.com.br/planosafra



Com a família: o marido Rodrigo e os filhos Manuela e Ricardo no Aconcagua, na Argentina



Los Caracoles entre Chile e Argentina

"Trabalhamos para isso"

// Márcia Fetter

Curiosidades históricas

Em nossa imaginação podemos criar as cenas de famílias inteiras deixando seus países rumo a uma nova terra, como fizeram imigrantes de tantas nacionalidades quando vieram ao Brasil.

Só podemos imaginar o que passaram na execução deste ato de coragem e esperança, mas dados históricos enriquecem nosso entendimento, dando-nos uma dimensão ainda mais significativa.

Márcia tem cópias de um documento, cujos originais, escritos em alemão, estão guardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, intitulado: "Submissa e mui obediente queixa de parte dos colonos em viagem do Rio de Janeiro a Porto Alegre", um grito de socorro de pessoas desamparadas em um manifesto, datado de 04/01/1826, com as assinaturas de 40 famílias alemãs, hoje com descendentes espalhados pelo estado (veja os sobrenomes conhecidos e renomados abaixo).

O autor deste manifesto direcionado ao governo imperial foi Johannes Fetter. Para entendermos: Carlos Fetter, bisavô de Márcia, nasceu no Brasil. O pai dele, Jacob Fetter, nascido em Grolsheim, na Alemanha, veio ainda pequeno para o Brasil com seu pai Johannes Fetter, quem escreveu o documento, um relato das péssimas condições e maus tratos do capitão da Bergantim (uma espécie de veleiro) Carolina, na qual estavam. Há narração de

fome, de doenças, de crianças e idosos sendo jogados ao mar.

Tudo parte da história da imigração alemã em nosso país

Os sobrenomes das famílias no documento:

- | | |
|--------------------------------|-------------------|
| 1 - Ermel, | 21 - Stalhoefer, |
| 2 - Weinz, | 22 - Weingärtner, |
| 3 - Puper, | 23 - Diehl, |
| 4 - Boluer, | 24 - Daudt, |
| 5 - Herringer, | 25 - Dick, |
| 6 - Wehling, | 26 - Sieben, |
| 7 - Heineck, | 27 - Borger, |
| 8 - Zimmermann, | 28 - Niederauer, |
| 9 - Kräiner, | 29 - Schmidt, |
| 10 - Martin, | 30 - Belz, |
| 11 - Lore, | 31 - Hoffmann, |
| 12 - Feck, | 32 - Knobloch, |
| 13 - Veeck, | 33 - Schneider, |
| 14 - Ritter, | 34 - Dexheimer, |
| 15 - Cornelius, | 35 - Brandt, |
| 16 - Engers, | 36 - Schneider, |
| 17 - Helbig, | 37 - Niederauer, |
| 18 - Vetter, | 38 - Huster, |
| 19 - Koch (não sabia assinar), | 39 - Schuler, |
| 20 - Schmitt, | 40 - Krebs. |

NOVA DATA



TRANSFORMA

A INDÚSTRIA TÁ EM TUDO

📅 13/08
📍 UCS TEATRO
🕒 13h30 às 17h



com

Luiz Felipe PONDÉ

palestra

O Futuro e as suas Escolhas: Trabalho e Saúde Mental

+ Representantes das empresas:
SCANIA LATIN AMERICA, AGCO e CEITEC

Patrocínio:



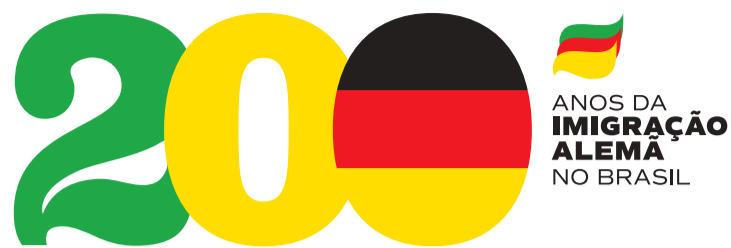


Apoio:



Realização:



Schmitz,
João Carlos

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

Ofício transmitido de pai para filhos

A Alarno Funilaria, localizada no bairro Santo Antônio, foi criada em 1976 por um homem que ensinou o ofício aos filhos. João Carlos Schmitz seguiu a profissão do pai e a ensinou aos filhos, hoje sócios do negócio que foi do avô

“**E**m um piscar de olhos a vida passou”. A frase é de uma pessoa ainda jovem, 61 anos, ao recordar os tempos de menino, quando os pais, senhor Canício e dona Marta, vindos de São Sebastião do Caí, o faziam usar o corte de cabelo que deixava um “topete na frente, entregando que era alemão”, diz sorrindo João Carlos Schmitz, da Alarno Funilaria.

Ele conta que naquele tempo foi difícil se sentir inserido na comunidade de Farroupilha, para onde veio com o pai em 1967 para sondar o mercado onde o pai pudesse desenvolver suas habilidades de funileiro, ofício que atravessa gerações na família Schmitz. “Eu me sentia diferente sendo alemão no meio dos italianos, ainda mais com aquele corte de cabelo, mas como a gente era muito inteligente, tirava notas boas no colégio, a gurizada até que respeitava. Naquele tempo não gostava de ser chamado de alemão, hoje, não ligo”, diz.

Ele e os irmãos aprenderam a lidar com chapas metálicas com o pai, quem abriu a Alarno Funilaria, em 1976. Assim como seu Schmitz cresceu vendo o pai trabalhar, seus filhos também o fizeram e hoje, Bruno, 35 anos, e Carlos, 30, são sócios do pai na empresa que o avô fundou. Ainda fazem parte do time: Silvia, esposa do seu Schmitz, e a caçula Raíssa, 22 anos, estudante de veterinária.

O funileiro ainda é avô do Bernardo, da Heloísa e da Helena.

O negócio

A Alarno, desde 1996 localizada à Rua José Fitarelli, 183, no bairro Santo Antônio, é especializada em produzir calhas, exaustores eólicos, coifas industriais e tubulações em geral, com grandes empresas de Farroupilha e cidades vizinhas como clientes há muitos anos.

“O pai era muito bom no que fazia e



João Carlos (centro) com a esposa Silvia, a filha Raíssa e os filhos Bruno (dir.) e Carlos (esq.); continuidade ao talento do pai Canício

nós estamos dando continuidade. Ele ensinou muita coisa e falava a língua alemã com fluência, eu só entendo, mas sei cantar umas músicas”, brinca.

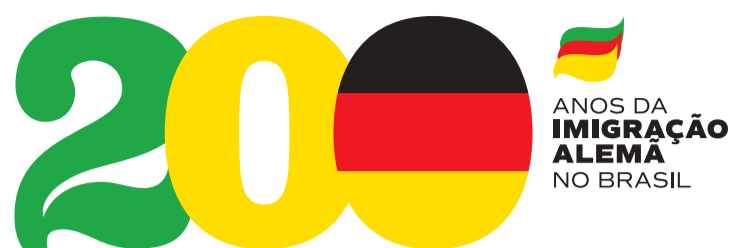
“O pai era muito bom no que fazia e nós estamos dando continuidade”.

Meio tímido, seu Schmitz vai ficando mais à vontade quando fala do orgulho que sente pelo fato de a família estar no negócio que o pai dele iniciou com tanta habilidade – exaltada em suas palavras. “É um orgulho para nós! A mãe também sente isso, em ver que estamos cuidando daquilo que o pai começou”, diz referindo-se à dona Marta, assinante do nosso jornal há anos.

Ofícios que atravessam gerações, como acontece dentro da família Schmitz, são um testemunho de resiliência, da força de uma herança deixada pelas habilidades transmitidas, de pai para filhos.



Senhor Canício fundou a Alarno Funilaria em 1976



Flach,
Ilário

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

O “alemão” que cuida do acervo italiano

Casado com Beatriz Bérghamo, a bisneta de Stéfano Crippa, um dos primeiros imigrantes italianos a chegar a Nova Milano, Ilário Flach, descendente de alemães, cuida do Acervo da Bea com todo o carinho



Ilário e Bea, “o alemão e a italiana”, juntos no resguardo de uma cultura

“**N**ossos ancestrais são a razão da nossa existência”. Com essa frase, Ilário Flach iniciou uma carta - com a foto da família na qual ele aparece criança ao lado do pai Siegfriedo Theobaldo Flach, da mãe Maria Margarida Chassot Flach e dos oito irmãos (mais tarde ainda viriam mais três) - que seria entregue a algum parente. Guardou a carta junto a outros escritos redigidos por ele e que contam todo seu apreço à preservação da história familiar.

O neto de alemães é tão cuidadoso que ele mesmo tratou de catalogar e organizar os artigos deixados pelos antepassados de sua esposa Beatriz Bérghamo, bisneta de Sté-

fano Crippa, um dos primeiros imigrantes italianos a chegar a Nova Milano em 1875, e que estão expostos no Acervo da Bea, em Nova Milano.

O casal, Ilário e Beatriz, mora na construção de 1884, onde está o acervo. Um alemão cuidando dos pertences dos italianos! “Quando viemos ao mundo temos uma missão, um compromisso fa-

miliar do qual não se pode fugir”, é a resposta que ele dá à observação.

Seu Ilário não fugiu. Mantém, com toda a admiração e bom humor, os pertences que foram da família de sua esposa e que colocaram sua residência no roteiro “Farroupilha Colonial”. Mostra com orgulho o caderno de assinaturas no qual constam nomes

“Um compromisso familiar do qual não se pode fugir”.

// Ilário Flach



O apreço do senhor Ilário aos fatos antigos

de visitantes de todos os lugares do Brasil e do mundo, como da China e da própria Itália.

Não guardou a história apenas da família italiana da esposa, mas também registros com fatos de seus antepassados alemães, cujos primeiros imigrantes vieram de Gornhausen, região da Mosela. Chegaram ao Morro da Batata, em Alto Feliz.

Seu Ilário nasceu em Nova

Milano. Casou-se em 1975, “no centenário da imigração italiana”, é pai de Maurício e Angélica e avô de Júlia e Theo. Antes de cuidar do Acervo da Bea tinha o armazém no mesmo local, o Flaber, de Flach e Bérghamo.

Entende a língua de seus antepassados e fala um pouco, com orgulho e olhos rissonhos. Em meio a tantos objetos italianos, mostra as flores de ferro sobre a porta



Um espaço que abriga relíquias admiráveis



As flores em ferro, relíquia alemã, para dar as boas-vindas a quem chega

de entrada para desejar boas-vindas a quem chega. “Estas sim, alemãs”, enfatiza.

“Não viemos ao mundo para ser um número, mas para deixarmos um legado importante com as atitudes corretas”, conclui o descendente de alemães que fez e

faz a diferença na propagação da história da imigração italiana.

Sorte a nossa ou melhor dizendo, wir glücklichen!

REPORTAGEM:
CLAUDIA IEMBO
 claudia@ofarroupilha.com.br



Na carta escrita à mão, a admiração aos ancestrais alemães



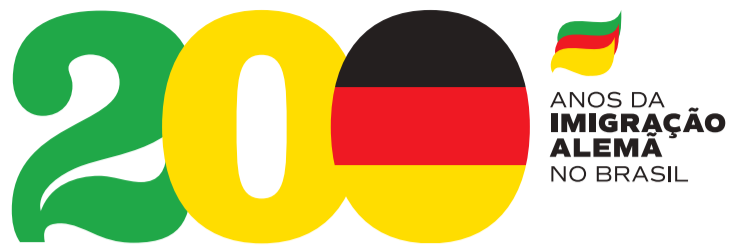
No livro de assinaturas, as visitas estrangeiras



Os pertences identificados por número para a correta descrição, capricho do senhor Ilário

ESTAMOS
CHEGANDO

vino!
 FARROUPILHA



Weissheimer
Leonardo

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

Natali Teixeira

Focado na perfeição

Filho de advogados, o cirurgião plástico ressalta a beleza de cada indivíduo atuando na cidade que seus antepassados ajudaram a desenvolver

Ele tem sobrenome alemão, cidadania italiana e é proprietário da Clínica Artisan, cujo nome, em francês, quer dizer artesão. O cirurgião plástico Leonardo Weissheimer emprega os conhecimentos da Medicina, sua destreza manual e precisão para fazer com que as pessoas resgatem a autoestima pelas pazes com o espelho. Um artesão da beleza.

Dr. Leonardo optou por uma especialidade de alta demanda, já que o Brasil, segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética, é o segundo país que mais realiza cirurgias plásticas, atrás apenas dos Estados Unidos. Ele e a esposa, também cirurgiã plástica, Dra. Ana Paula Boz, atuam juntos na clínica e em casa cuidam da pequena Antonela, prestes a completar quatro anos.

O médico nasceu e cresceu em Farroupilha e diz que teve o privilégio de conviver

com as tradições alemãs trazidas a ele pelo lado paterno, de uma linhagem que saiu de Alto Feliz. O bisavô Emílio foi o primeiro a vir a Farroupilha. O avô Deodoro trabalhou como tesoureiro na prefeitura e ambos participaram da emancipação da cidade. Deodoro casou-se com Idalina Beltrame, com quem teve os filhos Walmor Emílio, Wania e Walderez. A família possuía a Ferragem Weissheimer, na esquina da Júlio de Castilhos com a Rua da República.

Walmor tornou-se advogado, sendo o primeiro vice-presidente da OAB Farroupilha. Casou-se com Alice, também advogada e da união chegamos ao médico e ao irmão Walmor Weissheimer Júnior, também médico.

“Crescemos com fortes valores do lado alemão do nosso pai, uma linha mais rígida de educação em comparação ao lado italiano, em Caravaggio, no 4.º distrito, onde a

‘mama’ é sempre mais tolerante”, brinca com a propriedade de quem fez parte de tal cenário.

Segundo ele, o bisavô e o avô tocavam em bandinhas alemãs e o pai era aficionado por elas. “Herdei essa musicalidade, além do gosto pela culinária que inclui carne de porco, salsicha, chucrute e muita batata. Mas a herança mais forte acredito que seja o lado trabalhador, focado naquilo que faz para fazer bem feito. Me vejo muito alemão”, confessa sobre si mesmo.

Ao país de seus antepassados já viajou por três vezes e o gosto pela participação no festival de cerveja, a Oktoberfest de Munique, também herdou do pai Walmor. “É uma festa muito familiar, com muita comida, bebida e também muita disciplina. Com minha filha, ainda irei certamente”, afirma.

Cirurgia Plástica

Formado pela UCS, com



Dr. Leonardo Weissheimer: “me vejo muito alemão”

residência em cirurgia geral e plástica pela Santa Casa de Porto Alegre, Dr. Leonardo saiu para estudar e retornou à cidade em 2008, desde então, dedica-se à cirurgia plástica, sendo membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e participante ativo de eventos científicos. “Temos bastante demanda aqui em Farroupilha e hoje contamos com uma boa estrutura hospitalar, que não fica devendo nada às outras cidades. Nossas pacientes são 80% mulheres e 20% homens. A brasileira é muito vaidosa e por aqui há muita procura pela rinoplastia”, entrega.

Como os planos de saúde não cobrem a cirurgia plástica, procuram o serviço as pessoas que querem se sentir bem consigo mesmas, mas também aquelas que têm certo poder aquisitivo. “Observamos que muitas vezes os pacientes abrem mão de coisas pessoais em prol da estética, que é uma importante via da

autoestima. No consultório, ouvimos histórias e procuramos entender o paciente contribuindo com a realização de um sonho dele”, diz o médico.

Aos 45 anos, Dr. Leonardo Weissheimer transforma o visual das pessoas de forma positiva na cidade onde nasceu, onde circula por ruas batizadas com os nomes de seu bisavô, avô e de seu pai, o que lhe garantem dois sentimentos: “Saudade porque já se foram e orgulho por saber que contribuíram de forma importante com a nossa Farroupilha”, conclui o cirurgião plástico.

Clínica Artisan

Rua Independência, 840.
Fone: (54) 3011-0084

(54) 99981-0084

“A brasileira é muito vaidosa”.

// Leonardo Weissheimer

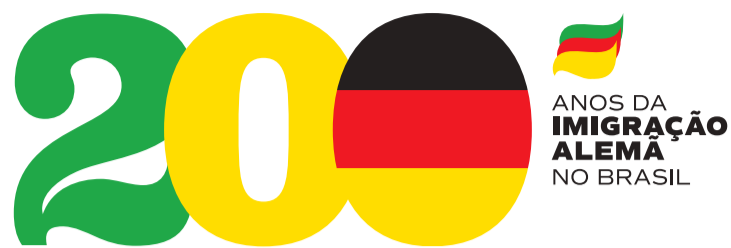


Dr. Leonardo (à direita), com a mãe Alice, o pai Walmor e o irmão Walmor Júnior

Arquivo pessoal



REPORTAGEM:
CLAUDIA IEMBO
claudia@ofarroupilha.com.br



ROSSLER,
Drs.
João, Édison,
Katia e Jayme

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

Família Rössler: uma história, um legado

Dos antepassados aos atuais gestores da Rössler Diagnósticos por Imagem, a presença do amor à Medicina como fator fundamental do progresso de uma cidade



Década de 1990: Dr. Édison, Dr. Jayme Carlos, Dr. Jayme Romeu, Dra. Kátia e Dr. João Carlos

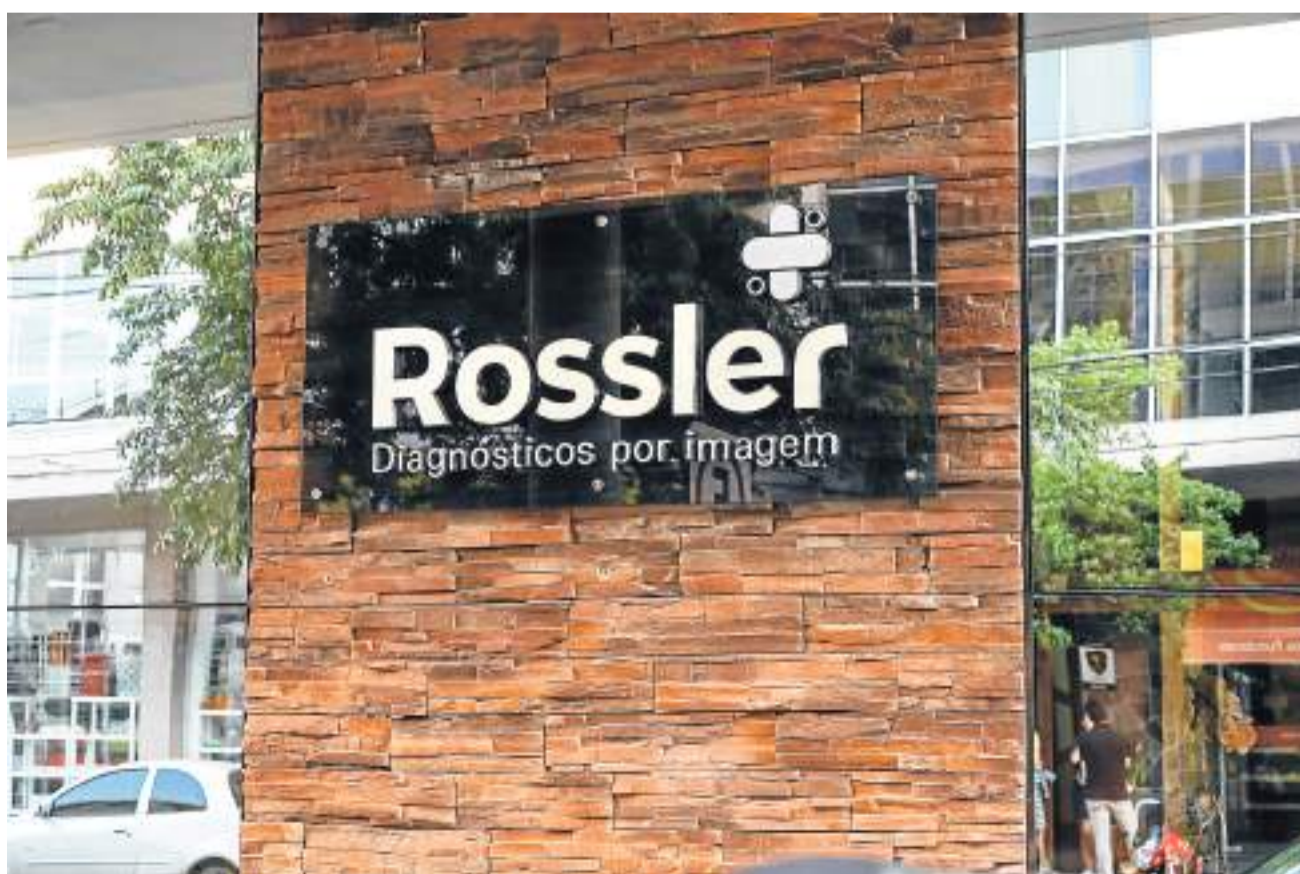


Dra. Kátia, Dr. João Carlos, dona Ione, a esposa, e Dr. Jayme

Existe história por trás de um empreendimento lançado em uma sociedade. História que fala de pessoas e sonhos, de dedicação e propósitos, como o de cuidar do outro. A família Rössler, conhecida no município de Farroupilha por sua trajetória nas áreas da medicina, comunitária e política, é descendente de espanhóis, belgas, poloneses, italianos e claro, alemães. Uma verdadeira bem-estruturada babilônia que gerou profissionais dedicados, em diferentes áreas da saúde.

Às vésperas de completar 30 anos de atuação no mercado, a Rössler Diagnósticos por Imagem se consolida como pioneira em tecnologia de diagnósticos por imagem, contando com amplo quadro de profissionais especializados sob o comando dos irmãos Kátia Maria Rössler Roncatto e Jayme Carlos Rössler, filhos de Dr. João Carlos Rössler e Ione Nervo Rössler.

Celebrações são ocasiões especiais para se contar histórias e quem faz isto muito bem é a pesquisadora Vania Tonietto Brugali, que colaborou na organização da obra "História da Medicina de Farroupilha", de autoria do Dr. João Carlos, a quem também agradecemos a parceria para esta matéria.



ANTEPASSADOS

Heinrich Ernst August Kunnert



Família Kunert:
Julie Halbach Kunert
com filhos e netos.

O começo de tudo tem como protagonista o casal Friedrich Kunert e Elisabeth Reinold, ele mecânico, ela, dona de casa, pais de Heinrich Ernst August Kunnert, respectivamente, tetravós e bisavô dos doutores João Carlos e Édison Renato Rössler.

August estudou em uma instituição de formação luterana de Barman, distrito de Wuppertal, Alemanha.

August, como ficou conhecido, foi ordenado em 11 de agosto de 1885 na Igreja Evangélica de

Unterbarmen e, pouco antes de completar 25 anos, chegou a Porto Alegre e em 4 de dezembro de 1885, em São Vendelino. No ano seguinte, casou-se com Julie Halbach, nascida em Elberfeld, Renânia (Alemanha). August e Julie Halbach firmaram raízes na região de São Vendelino, São Sebastião do Caí e Montenegro. Ele atuou como líder comunitário, pastor luterano, político de grande influência e foi candidato às eleições municipais de São Vendelino em 1891.

August e Julie formaram uma família numerosa

cujos descendentes e ramificações se espalharam Brasil afora. O casal gerou 10 filhos, seis homens e quatro mulheres: Emanuel, Friedrich, Hedwig (ou Edwiges — avó de João Carlos e Édison), Frieda, Wilhelm, Ernst, Júlia, Karl, August e outra menina que não encontramos registro.

August Kunert dedicou-se com afinco à sua comunidade e o exercício da Medicina não só o colocou em evidência, como o aproximou dos imigrantes italianos. Faleceu em 10 de maio de 1939, em Montenegro (RS).

João Guilherme Rössler e Edwiges Künnert Rössler

Seguindo a ascendência e a cronologia da família Rössler, Edwiges Künnert, uma das filhas do pastor luterano August Kunert e Julie Halbach, nasceu em Montenegro.

Na juventude ela se enamorou de João Guilherme Rössler, nascido em São Leopoldo, embora ele fosse católico e ela protestante, questão primordial à época. Ele era filho de Afonso Rössler e Luiza Rizz. Casaram-se e fixaram residência em Soledade, seguindo a carreira odontológica. Na mesma cidade, tiveram quatro filhos: Silvia, Laura, Jayme Romeu (pai de João Carlos e Édison Renato) e Maria. Mais tarde, a família se mudou para Montenegro.



Da esq
para direita:
Dr. João Carlos,
Dr. Jayme
Romeu,
João Guilherme
e Afonso,
gerações da
família Rössler

Jayme Romeu Rössler

Jayme Romeu formou-se em Medicina em 1939 e logo viajou a Farroupilha, onde conheceu a farmácia e Hospital Cibelli, de propriedade de Dionysio Cibelli.

A partir de 1940, começou a trabalhar no hospital, como profissional formado. Depois da morte de Cibelli, em setembro de 1955, Dr. Jayme Romeu adquiriu o imóvel, abrindo as portas do hospital para a comunidade sob sua administração. A partir daquela data, a instituição foi modernizada, com ênfase na obtenção de equipamentos de ponta, tornando o Hospital Beneficente Cibelli um dos mais bem-equipados do Estado.

Em maio de 1936, Dr. Jayme se casou com Alda Gomes Rössler e formou dois filhos médicos – Dr. João Carlos e Dr. Edison Renato.

Dr. Jayme Rössler modernizou a Medicina no

município, pilotando, inclusive, o próprio avião equipado com instrumentos de primeiros socorros, apto a transportar pacientes para centros maiores.

Atuante na sociedade farroupilhense, foi prefeito da cidade de 1952 a 1955 e vice-prefeito de 1964 a 1969.

Dr. Jayme Rössler trouxe a Farroupilha a central de energia que era para ser domiciliada no município de Caxias do Sul, mas que está aí até hoje, ao lado da metalúrgica Soprano.

Instalou a hidráulica da Corsan e esteve à frente da construção da barragem da Julieta, assim como a estrada que liga Farroupilha a Caxias do Sul, hoje RS-122. Também se empenhou para a edificação de várias pontes, especialmente no interior, além da criação de escolas. Como prefeito, focou no tripé básico — água, luz e estradas.



Dr. Jayme, filhos e netos unidos no amor pela Medicina



Os irmãos João Carlos e Édison Renato crianças



Hospital Cibelli em tempos remotos, cenário importante para a família e comunidade

Seus filhos:

João Carlos Rössler (16-11-1937) casou com Ione Nervo Rössler com quem teve os filhos Kátia Maria e Jayme Carlos.

Édison Renato Rössler (1º-6-1941) casou com Aida Maria Tesch Rössler, natural de Santa Cruz, com quem teve as gêmeas Andréa e Renata e Flávia (mora na Austrália).



João Carlos Rössler

A trajetória profissional do Dr. João Carlos foi marcada pelo atendimento a milhares de pessoas, muitas delas de forma gratuita, a exemplo de seu pai, Dr. Jayme Romeo Rossler, de quem também herdou a visão empreendedora.

“Entrava na sala de espera era atendido. Eu não queria saber da condição financeira da pessoa: precisava, eu atendia. Meu pai era assim, muito cuidadoso e meus filhos também são”, lembra o médico que, por 59 anos, dedicou-se à Medicina em Farroupilha.

Aos 86 anos, Dr. João Carlos ainda é presença constante nas duas unidades da Rössler Diagnósticos por Imagem. “Gostamos de cuidar das pessoas e a proximidade do médico transmite segurança. Tenho muito orgulho pelo trabalho dos meus filhos, pela dedicação e responsabilidade deles”.

Sobre manter-se ocupado, Dr. João Carlos ainda está trabalhando em mais duas obras literárias que pretende finalizar dentro de um ano e meio. Em 2019 lançou a “História da Medicina de Farroupilha”, registro que resgata a biografia de profissionais da saúde, desde os primórdios da colonização até os anos 1980, além de fatos históricos.

Quando jovem, o médico foi um esportista dinâmico, participando de diversas competições ciclísticas, além de ser um apaixonado por automobilismo: competia em rallys, dirigindo um Opala e chegou a atravessar o Brasil, de norte a sul.

“Também herdei de meu pai este gosto. Meu filho Jayme, assim como o avô, pilota aviões. Na política, participei de algumas ações, mas preferi me manter na área médica. Medicina é minha vida e, por ela, estou na expectativa de ver meu neto Pietro se formar, daqui dois anos”, afirma, entregando seu apreço pelos esportes, mas pouco afeto à política.

Em sua trajetória, reconhece quem esteve ao seu lado, destacando pessoas importantes para ele. “Meu irmão Édison sempre foi uma pessoa querida para mim, sempre nos ajudamos em nossas carreiras. Também não posso esquecer de minha esposa lone, que me auxiliou demais ao longo dos anos. Foi e ainda é uma companheira de trabalho, mesmo sendo professora”, diz.

Dr. João Carlos Rössler interrompeu sua atuação na área da saúde com a chegada da pandemia, em 2020, mas, como vimos, segue presente confortando os pacientes nas unidades da clínica de sua família.

Os irmãos Kátia Maria Rössler Roncatto e Jayme Carlos Rössler

Kátia nasceu no Hospital Cibelli, de parto normal, sob os cuidados do avô, Dr. Jayme Romeu. Desde pequena, frequentou as dependências do Hospital Cibelli, na companhia do pai e do avô e mais tarde não hesitou em escolher a Medicina como carreira, formando-se em dezembro de 1986. Especializou-se em Pediatria e, a partir de 1989, já estava trabalhando no Hospital Cibelli.

Aos poucos, o trabalho diário e interno no hospital apontou a necessidade de Farroupilha se equipar e oferecer diagnósticos por imagem, até então defasados e dependentes de municípios vizinhos. Kátia optou por se especializar na nova área, passando a atuar, dentro do hospital Cibelli, realizando exames de ultrassom em parceria com o irmão Jayme Carlos, médico especializado em Radiologia.

Kátia é casada com João Carlos Roncatto, médi-



co-veterinário com quem teve dois filhos: Joana (in memoriam - 1999-2019) e Artur.

Jayme Carlos Rössler

Jayme Carlos herdou a responsabilidade de carregar o primeiro nome do avô paterno. Ele também nasceu de parto normal no Hospital Cibelli, sob os cuidados do avô e de uma parteira.

A partir dos 12 ou 13 anos começou a colaborar, no turno contrário ao da escola, com atividades administrativas do Hospital Cibelli. Formou-se em Medicina pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), em 1988.

Ele optou pela residência médica em Radiologia. De 1992 a 1996 trabalhou no Instituto de Cardiologia do Hospital Ernesto Dornelles, como médico radiologista e preceptor de radiologia nas residências médicas. Naquela época, começou efetivamente a trabalhar na sua área de especialização, tanto em Porto Alegre quanto em Farroupilha, já no Hospital Cibelli.

Por volta de 1992, Kátia e Jayme passam a trabalhar dentro do Hospital Cibelli. Ela, como ecografista e Jayme, radiologista. Desta salutar parceria, surgiu a Rössler Diagnósticos por Imagem, instalada no próprio Hospital Cibelli.

Sobre estar inserido no contexto de uma família tão expressiva para o município, diz: “É muita responsabilidade, mas cada um de nós, no seu ritmo, coopera para dar continuidade ao legado dos homens que viveram antes, com trabalhos bem-feitos, cada um em sua época. Estamos honrando e fazendo a nossa parte”, concluiu Dr. Jayme Carlos Rössler.

Jayme é casado com Paola de Oliveira Costa com quem tem os filhos: Joaquim Carlos e Benício. Também é pai de Pietro e Gabriela.

Rössler Diagnósticos por Imagem

Farroupilha era carente na área de diagnósticos por imagem. Detectando esta lacuna, os irmãos Kátia e Jayme dedicaram-se à especialização em diagnósticos por imagem. Ambos possuíam título de especialistas na área de diagnóstico por imagem pelo Colégio Brasileiro de Radiologia.

Inicialmente começaram a trabalhar no Hospital Cibelli e em outubro de 1994 inauguraram uma nova clínica no centro de Farroupilha, no Centro Comercial Rui Barbosa, inicialmente com o nome de CIDI-Centro de Investigação Diagnóstica por Imagem e em 2019, na comemoração dos 25 anos, fizeram a

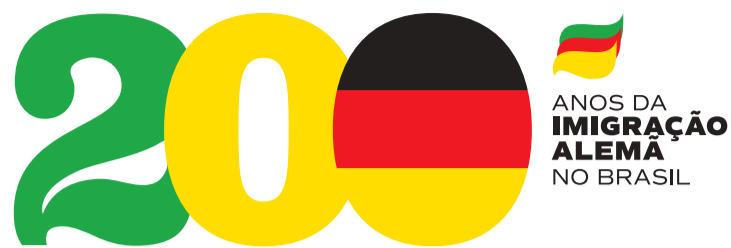
transição da marca CIDI para Rössler Diagnósticos por Imagem.

Sempre mantendo o pioneirismo, instalaram o primeiro mamógrafo na cidade e em 2020, mamógrafo digital. A clínica foi pioneira na instalação de tomografia, densitometria óssea e ressonância magnética. Na área de ultrassom sempre primou por aparelhos de tecnologia de ponta.

Em 2013 expandiu suas instalações abrindo uma unidade no prédio onde era o Hospital Cibelli.

Em outubro próximo, a Rössler Diagnósticos por Imagem completará 30 anos.





**HART
SCHNEIDER,**
Silvana

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

Duas vezes alemã

A registradora civil da cidade, Silvana Hart Schneider, se inseriu entre os descendentes de italianos e tira o melhor das culturas, mas sempre honrando suas raízes, tipicamente alemãs



Em uma festa à fantasia: “claro que o marido tinha que estar vestido de alemão”

Ela carrega dois sobrenomes alemães: Hart, do pai, neto de alemães, e Schneider, do marido Roberto. Há 31 anos Silvana deixou a terra natal, Estrela, de colonização alemã e que hoje enfrenta os desafios de ter passado pelas enchentes que castigaram o estado, para abrir seu cartório de registro civil em Farroupilha, depois de ter passado em primeiro lugar em um concurso público.

“Quando cheguei a Farroupilha estranhei tudo, afinal eu vinha de um lugar quente, onde as pessoas ficavam pelas ruas, em happy hour. Hoje, não troco esta cidade rica em oportunidades, não me imagino longe daqui. Até a comida italiana disputa espaço com as preferências alemãs como a salsicha bock e os doces. Nun-

ca teve um almoço lá em casa sem sobremesa”, brinca a bisneta de alemães.

Dos sabores típicos também nascem algumas memórias de infância de Silvana, que chegava da escola e atravessava a rua para ir à casa da avó Maria Olívia ver o que havia para comer. “Sempre me lembro dela fazendo algo bom para comer e de meu avô trazendo frutas para nós. Tenho muito orgulho destas raízes porque

eles venceram dificuldades e se esforçaram por seus filhos, que puderam proporcionar tudo para mim. Se meus bisavós não tivessem tido coragem de sair da Alemanha para uma terra distante, eu não estaria aqui também”, resume a história dos antepassados.

Silvana cresceu com a forte presença da cultura alemã. O lado materno de sua família, cujo sobrenome é Eckert, sempre comemora o Kerb, a festa da colheita, típica das comunidades alemãs aqui do sul. Ela ainda conta que seus avós quando não queriam que as crianças soubessem do que falavam, conversavam em alemão. “Me arrependo de não ter aprendido o idioma. Meu marido entende bem a língua, mas eu, não”, confessa.

Por falar em marido, ela e Roberto não perdem um baile alemão e o mais recente do qual participaram foi há alguns dias, em Caravaggio. “Claro que como uma boa descendente de alemães, adoro um chopp e se tem baile, nós vamos”.

A alegria por exaltar suas raízes alemãs só é ofuscada pela situação em que se encontra sua cidade natal depois das chuvas de maio. “Estrela está em uma situação triste. Confesso que ando preocupada com os parentes por lá”, diz.

Outro fator que tira o brilho da alegria alemã é o desempenho do time do seu coração, o Grêmio, do qual é Cônsul na cidade. “Não queria ser tão fanática assim, é algo que determina até meu humor. Estamos sem a Arena e confesso que os jogos me fazem muita



Silvana com o marido Roberto e os filhos Bruno e Roberta

falta”, afirma, ainda lembrando que segue com sua preferência pela azul até nas unhas.

Há dois anos, Silvana inaugurou seu cartório na Rua Independência, 99, no dia 2 de abril, aniversário de suas duas avós, filhas de alemães. Neste pouco espaço de tempo viu o trabalho aumentar significativamente. “Muitas pessoas buscam a cidadania italiana e eu lamento não poder tirar a minha alemã porque meus avós teriam que ser alemães, além disso, hoje é preciso certidão atualizada para tudo, então o trabalho aumentou sim e também recebemos mais pessoas por conta da nossa sala de casamentos, que continua me trazendo alegrias. Percebo que as pessoas estão celebrando o casamento civil de forma mais

especial, trazendo os convidados para a ocasião”, diz feliz.

Silvana está inserida em uma rotina intensa de trabalho, agora mais acentuada por ter assumido interinamente o tabelionato de notas de Nova Milano, além do CRVA, Centro de Registro de Veículos Automotores de Farroupilha e de Carlos Barbosa. A família, marido e os filhos Bruno e Roberta, sabem como é a mãe.

Ela segue o ritmo sem pensar em parar, adaptou-se ao “jeito gringo” e mantém a franqueza necessária para alimentar vínculos sinceros, algo tão típico dos germânicos dos quais descende.



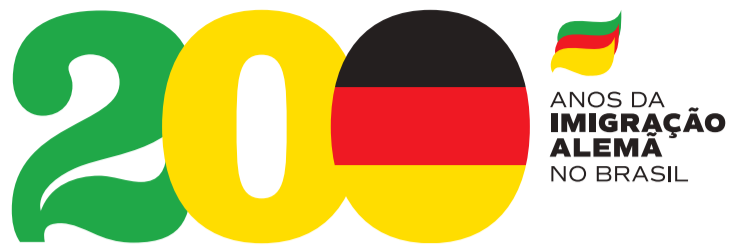
REPORTAGEM:
CLAUDIA IEMBO
claudia@ofarroupilha.com.br

“Muitas pessoas buscam a cidadania italiana e eu lamento não poder tirar a minha alemã”.

// Silvana Hart Schneider



A família do lado materno sempre comemora o Kerb, em Estrela



Backes,
Francisco
Inácio

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

Com ele, a diversão é garantida

Difícil conversar com o senhor Francisco Inácio Backes sem rir das piadas que faz. Na sabedoria de seus quase 73 anos, o apreço pela leveza da vida

“**B** brincando a gente morre, imagine se não brincar!”, a frase é de alguém que consegue facilmente achar graça no cotidiano e conhece a arte de fazer as pessoas rirem, deixando tudo mais leve e claro, divertido. Assim é, na maior parte do tempo, o senhor Francisco Inácio Backes, bisneto do alemão Nicolau Backes, família vinda da Feliz, sua terra natal.

A mudança para Farroupilha aconteceu por amor. Literalmente. “Em 77, meu irmão, músico, ia vir fazer o carnaval no Clube Santa Rita e foi então que conheci a Inês, amor à primeira vista”, conta, sorrindo o senhor Backes, Inácio, como gosta de ser chamado.

Do casamento com a descendente de italianos, em 1979, vieram os filhos Cristiane e Wagner, nascidos na cidade, mas registrados na Feliz. “Era um pedido do meu pai e eu não queria contrariá-lo”, lembra.

Seu Backes sempre foi marceneiro e há 35 anos abriu sua própria empresa, a LB Esquadrias, na cidade de Bom Princípio. Vendeu esquadrias de madeira para todo o estado e também para fora do país, como as 2200 portas enviadas ao Caribe, em 2001. Mercado forte de clientes em Porto Alegre e Canoas. “Hoje, as esquadrias de madeira foram substituídas por alumínio e PVC porque a madeira tornou-se artigo caro, mas ainda assim mantenho a fábrica e hoje vou lá mais para me distrair”, conta.

Na verdade, seu Backes não deixa de ir à fábrica em Bom Princípio também por outros motivos. “Adoro ir para lá! Me divirto,

falo alemão o tempo todo e na volta ainda paro no Morro da Batata, na Feliz, para matar a saudade”, entrega o descendente de alemães, cuja primeira língua aprendida foi exatamente a dos seus antepassados.

Onde ele mostra mais suas raízes alemãs? Quem responde é a esposa Inês. “No gosto pela comida! Adora uma salada de batata, bolinho de batata e vai sempre para a Feliz comer Joelho de Porco com chucrute”, diz a esposa, que todos os domingos não deixou o hábito italiano das sopas de agnolini. “Fui eu quem ensinou a ela cozinhar, mas hoje dá de dez a zero em mim”, acrescenta o marido.

Seu Backes se diverte com a conversa e faz rir quem está ao seu lado, especialmente a esposa com quem está há 45 anos. “Às vezes a gente tem que dizer a ele para parar, viu?”, diz rindo a dona Inês.

Aos domingos, a família se reúne na casa deles, com filhos, nora, genro e os dois netos: Enzo e Davi. As risadas são garantidas. “Colocamos na rádio Imperial, com as bandinhas alemãs, e saímos dançamos e nos divertimos muito!”, assegura o patriarca.

Na casa dos Backes, na mistura de italianos com alemães sobressai-se o gosto pela diversão. “Nós trabalhamos para viver”, conclui com sabedoria o brincalhão senhor Backes.

Na casa dos Backes, na mistura de italianos com alemães sobressai-se o gosto pela diversão. “Nós trabalhamos para viver”, conclui com sabedoria o brincalhão senhor Backes.

“Na volta ainda paro no Morro da Batata, na Feliz, para matar a saudade”.

// Francisco Inácio Backes



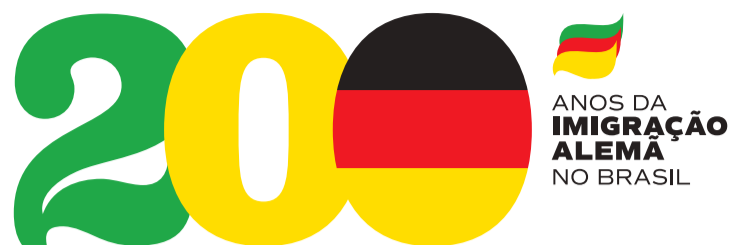
Inácio Backes há 35 anos na LB Esquadrias



A fábrica em Bom Princípio



REPORTAGEM:
CLAUDIA IEMBO
claudia@ofarroupilha.com.br



Lenger
Maioli,
Elisete

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

A busca pelo conhecimento

Esta frase poderia resumir as escolhas de Elisete Lenger Maioli, a mãe, empresária e estudante que não para

Filha de descendente de alemães, casou-se com um descendente de italianos e aos 15 anos descobriu a paixão pela língua espanhola. A soma do que cada cultura traz à vida faz parte da personalidade de Elisete Lenger Maioli, a farroupilhense que ao lado do marido Juarez ajudou a fundar a Transportadora Tempo, na qual comanda o setor financeiro.

Muito além deste papel que Elisete desempenha em seu dia a dia, ela sempre dedicou atenção especial aos estudos e com sua primeira graduação em 2006 – Secretariado Bilingue Português / Espanhol – só reafirmou o fascínio pela língua espanhola, que aumentou depois que passou um mês em Madri, Espanha, logo depois de se formar. Chegou a dar aulas, fez pós-graduação na língua espanhola e atualmente, cursa duas faculdades na Unisinos: Letras e Pedagogia. “Não vou parar por aqui, vou me especializar. Quero conhecimento”, diz com segurança.

Conhecimento encaixado na rotina que tem ocupada pelo trabalho e pelos filhos: Bernardo, 17 anos, Murilo, 15 e Bruna, 11. “Sempre quis ser mãe e teria tido mais filhos se pudesse. Gosto muito da função que se tem com os filhos, sou muito protetora e para mim o foco está no sucesso deles. O Bernardo fala inglês fluentemente e já pensa em sair do Brasil e eu apoio totalmente”, afirma, entregando muito de seu estilo materno.

Elisete brinca com a diversidade de estereótipos de sua família: filhos claros como o pai e um moreno como ela. Mas as diferenças não assustam quem viaja e viajar é outra paixão de Elisete, que aos 15 anos foi eleita garota simpatia no Concurso Garota Imperial e no ano

seguinte 1ª princesa. Voltou à Espanha com o filho Murilo e está de viagem marcada com o marido para França e Itália. “Alemanha, quem sabe um dia? Assim como a Suíça, ela está nos planos”, acrescenta.

Elisete e Juarez se conheceram na escola, casaram-se e além da família, construíram uma empresa que começou apenas com o conhecimento dela e do pai dela, José Carlos Lenger. Hoje, a transportadora emprega 80 funcionários. “Começamos juntos, do zero. Na época de namoro o Juarez tinha apenas uma bicicleta, que temos até hoje. Conquistamos tudo com o nosso trabalho e seguimos trabalhando juntos, ele é emoção e eu sou razão, dá um equilíbrio bom”, enfatiza.

Por morar em São Pedro, em Alto Feliz, Elisete e a família estão cercados pelas influências alemãs. A proximidade com os pais José Carlos e Nadir e ainda a presença da avó Luciana Lenger ajudam a manter vivas as raízes alemãs, que seguem sendo enriquecidas com as escolhas que Elisete faz para si.



Com a filha Bruna



Com o marido Juarez



Com o filho Murilo



Com o filho Bernardo

“Alemanha,
quem sabe
um dia?”

// Elisete Lenger Maioli

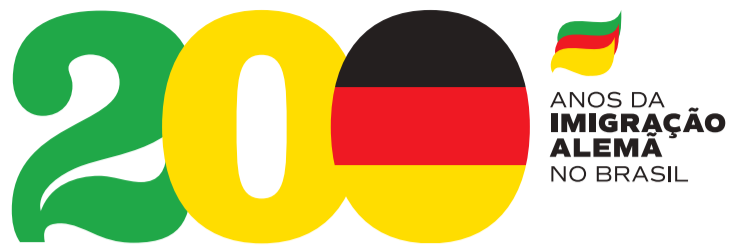
Garota Imperial aos 15 anos de idade marcou sua história

REPORTAGEM:
CLAUDIA IEMBO
claudia@ofarroupilha.com.br



A alegria pela formatura na Unisinos, em 2004

Arquivo pessoal



Arenhardt,
Walter

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

Chopperia e Rodízio de Bifes do Alemão, o nome diz tudo

Com chope gelado da marca Lorena e um cardápio “simples e bem-feito”, o empreendimento de Walter Arenhardt atrai público de cidades vizinhas

Bem no centro da cidade, na esquina da Coronel Pena de Moraes com a Paulo Broilo, número 23, está localizada a Chopperia e Rodízio de Bifes do Alemão, do Walter Arenhardt, um dos 12 filhos do alemão Paulino e da italiana Natalina.

O empreendimento de Arenhardt nasceu em pleno desafio de enfrentamento da pandemia, em 2020 e por causa disso, a reforma inicial do lugar levou um pouco mais de tempo, no qual ele e a esposa Bia acabaram se dedicando com afinco. Transformaram o lugar e hoje, o amplo espaço com capacidade para 300 pessoas atende o público de domingo a domingo, com almoço das 11h às 14h – buffet a quilo e livre – de segunda a sábado, e rodízio de bifes aos domingos. De quarta a sábado a choperia também abre à noite com lanches, torres de batata, tábuas e



da marca Lorena, nas versões Ipa, Mauzbier e o campeão de vendas: Pilsen. Às sextas e aos sábados há música ao vivo e as crianças ainda têm espaço próprio reservado a elas.

Sobre os sabores, o proprietário é direto. “Temos grande variedade de opções e o restaurante é um sucesso por causa da comida da nossa cozinha, dona Maria Nunes, quem elabora todo o cardápio no qual a polenta não pode faltar. Comida simples e bem-feita, com tempero na medida certa”, diz, reconhecendo o talento da cozinheira que faz parte de uma equipe de 12 pessoas.

Não é de hoje que Arenhardt se dedica ao segmento de bares e restaurantes. Antes da Chopperia e Rodízio de Bifes do Alemão, ficou por oito anos com a choperia que levava seu sobrenome, no bairro América. “Sempre quis ter meu próprio negócio e como sempre



“Quem vem à choperia sai elogiando”.

// Walter Arenhardt

fui muito a restaurantes, eu reparava no atendimento e pensava que quando tivesse o meu, faria de forma diferente. Investimos muito em estrutura para agilizar um atendimento de qualidade. Quem vem à

choperia sai elogiando”, assegura.

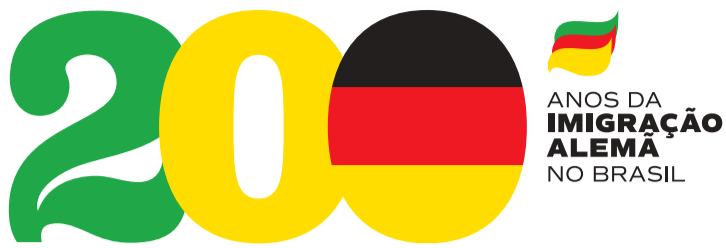
Inaugurada em 2022, a Chopperia e Rodízio de Bifes do Alemão atrai clientes de cidades vizinhas como Bento Gonçalves e Caxias do Sul e

Arenhardt promete novidades para o verão. “Vai melhorar ainda mais”, garante.



REPORTAGEM:
CLAUDIA IEMBO
claudia@ofarroupilha.com.br





**Weirich
Silvestrin,
Glaci**

O FARROUPILHA
SINTA A NOSSA CIDADE

Arquivo Pessoal

Glaci Weirich Silvestrin

Ela aprendeu com os pais a olhar para seu próximo. Aprendeu pelo exemplo e nunca mais esqueceu



Glaci é ativa e está focada em seu próximo objetivo



A felicidade ao lado do marido Fernando e dos filhos Aline e Júnior

Já ouviu dizer que “as palavras ensinam, mas os exemplos arrastam”? Este pensamento sintetiza o quanto é possível ter bons resultados por meio das ações.

Que o digam pais de grandes famílias diante dos feitos de seus filhos. Glaci Weirich Silvestrin, uma das oito filhas

de Arthur e Wilma Weirich, aprendeu a “arregaçar as mangas e ajudar o outro” assistindo aos exemplos dos pais.

“Somos fortes porque somos filhos de pais fortes, que nos ensinaram a enfrentar qualquer situação que viesse. Eles nunca deixaram de ajudar as pessoas, mesmo tendo oito filhos para cuidarem”, diz

a educadora social incluindo os sete irmãos: Clóvis, Gladis, Cláudio, Clari, Claudia, Cleiton e Clédio (in memoriam).

Glaci nasceu em Mundo Novo, pertencente ao Desvio Blauth. Cresceu em uma comunidade luterana, vivendo a infância na agricultura. “Se quiséssemos comer algo teríamos que plantar. O que não produzíamos, como açúcar e café, trocávamos por ovos, manteiga... Tinha-se pouco conforto naquela época, mas mais vida familiar”, recorda.

“Sempre podemos fazer além da nossa função”.

// Glaci Weirich Silvestrin



Eder Tondello

A parceria constante com o marido Fernando Silvestrin

Ainda menina, veio a Farroupilha para trabalhar como doméstica e assim poder estudar à noite. Formou-se em Ciências Biológicas. Aprovada em concurso do estado, trabalhou 12 anos e meio como Agente Educacional. Exonerou-se e passou em concurso do município, ocupando diversas funções. “Sempre tive muita vontade de estudar”, arremata.

Na família está sua força. Naquela da qual descende, como na que formou ao lado do marido, o Secretário da Agricultura do município, Fernando Silvestrin. Do casamento de 33 anos vieram os filhos Fernando e Aline.

“Odiava política até conhecer o Fernando. Como ele sempre foi muito ligado à comunidade, comecei a acompanhá-lo e gostei. Hoje não tem como ver um sem ver o outro”, diz, referindo-se à parceria marital, a descendente de alemães que é pré-candidata a vereadora nas próximas eleições.

Suas raízes alemãs são as responsáveis pelas memórias relatadas. “Minha mãe era costureira e fazia as roupas para cada filho vestir no Kerb, festa da colheita e aniversário da comunidade, uma ocasião muito especial. Era a nossa roupa de festa, motivo de muita felicidade”.

O pai vinha de uma família de músicos e passou aos filhos o gosto. Glaci e os irmãos foram incentivados a cantar na igreja e juntos acabaram formando um grupo dentro da família. A mãe, hoje acamada, recebe os filhos que se reúnem para tocar e cantar para ela. Todos se revezam nos cuidados à matriarca.

O lado festeiro da ascendência alemã de Glaci formou valores em sua personalidade. “Para nós, alemães, momento de festa é para ser vivido sem preocupações. Trabalhamos sim, muito, mas nunca deixamos de viver”, entrega.

Glaci e a família moram na comunidade de São João, 3º Distrito. Há cinco anos deixaram de trabalhar com a plantação de pêssego, mas seguem ligados, ela e Fernando, à agricultura e atentos ao próximo. “Sempre podemos fazer além da nossa função”, conclui.



Esta é uma festa diferente, porque marca os 200 anos da imigração

Vilmar Haefliger, presidente da Comunidade de Desvio Blauth

Desvio Blauth é o berço da colonização alemã no município

Comunidade fez festa para comemorar os 200 anos da imigração

Silvestre Santos
silvestre@ofarroupilha.com.br

Mais de 700 pessoas participaram, no último domingo, 21 de julho, da festa organizada pela Comunidade Evangélica de Desvio Blauth, no interior de Farroupilha, região do município habitada por uma

maioria de descendentes alemães. A festa teve a finalidade de comemorar os 200 anos da imigração alemã no Brasil, com uma programação que contou com culto religioso, palestra versando sobre a história da chegada dos primeiros alemães ao Brasil, almoço, apresentação de grupo de danças e, na parte da tarde, reunião dançante.

Na contabilidade do presidente da Comunidade de Desvio Blauth, Vilmar Haefliger, eleito para o cargo no ano passado para um mandato de dois anos (até 2025), foram cerca de 550 ingressos vendidos e aproximadamente outras 100 pessoas envolvidas na organização e execução do evento. Ele comenta que a festa de domingo teve uma

importância singular porque, além de assinalar o bicentário da imigração, atraiu um público variado, da área urbana e de outras comunidades interioranas.

"A gente leva o nome da nossa comunidade para todo o município e para as cidades vizinhas. É um almoço diferente, porque como é uma festa alemã, tem um cardápio

diferente, típico da culinária dos imigrantes, como a salsicha bock, o chucrute e a batata a vapor, que não tem nos outros lugares. E isso atrai muitas pessoas que vêm nos prestigiar", afirmou Haefliger. Segundo ele, a festa de domingo foi a única programada no Desvio Blauth para comemorar os 200 anos da Imigração.

FOTOS: Silvestre Santos



Salão da Coudine Evangélica de Desvio Blauth ficou lotado no domingo, dia 21, na festa organizada para marcar o bicentenário da Imigração Alemã no Brasil



Parte dos grupos que pilotaram as churrasqueiras, comandaram a cozinha e serviram as quase 700 pessoas que prestigiam a festa de domingo na Comunidade de Desvio Blauth

Para lembrar os antepassados

Legado dos alemães-germânicos é importante não só para Farroupilha, mas para toda a região

Silvestre Santos

silvestre@ofarroupilha.com.br

O jornalista e escritor Felipe Kuhn Braun, vereador em Novo Hamburgo e estudioso da imigração alemã com 28 livros já publicados sobre o tema, foi o palestrante no culto evangélico celebrado no domingo, 21 de julho, na festa dos 200 anos da chegada dos imigrantes alemães ao Brasil, promovida pela Comunidade Evangélica de Desvio Blauth. Para Kuhn Braun, a importância da comemoração não reside apenas no fato de celebrar o bicentenário da imigração, mas tem é especial "por lembrar dos antepassados que fizeram muito para que estivéssemos aqui".

De acordo com o parlamentar do Vale dos Sinos, integrante de várias instituições culturais - nacionais e estrangeiras - com raízes familiares fincadas em Farroupilha, a festividade no Desvio Blauth tem significado especial também porque lembra "a contribuição dos alemães para o desenvolvimento cultural e econômico, não só de Farroupilha, mas de quase toda a Serra Gaúcha. Assim como os italianos



Felipe Kuhn Braun, escritor e estudioso da imigração alemã

desceram a Serra, os alemães subiram e, hoje, acredito que, inclusive para o nosso município, quanto melhor conhecermos a história alemã, mais se complementar a nossa própria memória".

Ele também considera que Farroupilha "tem uma história

lindíssima da imigração italiana, e lembrar, como nesta festa, seu lado alemão-germânico, é um complemento importante, não só para os descendentes que residem aqui no Desvio Blauth ou em Farroupilha, mas para a população de um modo geral".

Presença da fé dos luteranos

Para a pastora Haidi Leschewitz, da comunidade Luterana do Desvio Blauth, a festa do domingo tem relevância tanto pela lembrança dos 200 anos da imigração alemã, no Brasil, quanto para "resgatar a memória dos nossos antepassados. Tanto na questão cultural quanto no aspecto religioso porque, com eles, também chegou a fé Luterana ao Brasil", afirmou. "Então, para nós, a comemoração é dos 200 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil, mas também dos dois séculos de presença dos luteranos no Brasil", comple-



Pastora Haidi Leschewitz, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Desvio Blauth

mentou a pastora da comunidade.

É a festa dos 200 anos da presença Luterana no Brasil

Heidi Leschewitz, pastora da Igreja de Confissão Luterana no Desvio Blauth

"A nossa colonização é diferente"

Um emocionado integrante da comissão organizadora da festa da Comunidade Evangélica de Desvio Blauth, realizada domingo passado no interior de Farroupilha para assinalar as comemorações do bicentenário da imigração alemã para o Brasil, o advogado Raul Herpich, comentou que o evento tem uma importância enorme para a população formada pelos descendentes dos alemães. "Não temos nada contra as demais colonizações, como a italiana, que veio depois, mas a nossa colonização é diferente", afirma Herpich. E explica: "Porque vem do tempo do Império, de dom Pedro I, dona Leopoldina, que tinha uma origem germânica. Ela que tomou a iniciativa e sugeriu ao imperador que era preciso buscar gente de outro país para ajudar a defender as fronteiras do Brasil".

Conforme Herpich, havia o que ele chamou de "sérios pro-

blemas no Sul do Brasil, onde as divisas territoriais configuravam um estopim para a deflagração de guerras, especialmente com a Argentina e o Paraguai. "E buscar onde estas pessoas? De Portugal, tínhamos nos separado (dois anos antes, em 7 de setembro de 1822), os franceses e holandeses vieram aqui só para explorar, e o poder central olhava só para São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A solução adotada por dom Pedro foi mandar um emissário à Alemanha para que fossem trazidos soldados para defender as fronteiras do Brasil", contou.

Justamente por isso, conforme o advogado, a imigração dos alemães foi diferente. "Da Itália vieram as famílias, que tiveram muitos problemas para desbravar a terra e se estabelecerem, mas da Alemanha vieram soldados que foram incorporados ao Exército do imperador para

defender as fronteiras do Sul do Brasil", afirma Herpich. Ainda segundo ele, a história conta que o navio que trouxe os primeiros jovens alemães demorou 90 dias para chegar à costa brasileira, e que os imigrantes viajavam em condições muito precárias. "Dom Pedro ordenou que os primeiros 39 homens alemães fossem enviados para o Rio Grande do Sul, então Província de São Pedro, desembarcando em São Leopoldo com a missão de ajudarem a defender o estado. Felizmente as guerras não saíram e as divisas se concretizaram", disse.

Raul lembra que alguns dos soldados ficaram no Brasil, enquanto outros voltaram para a Alemanha. "Por exemplo meu bisavô, que veio para o Brasil com 19 anos de idade, como oficial... Ficou um bom tempo no Exército e depois foi para a vida privada. Mas como vieram



Advogado Raul Herpich, da comissão organizadora da festa dos 200 anos no Desvio Blauth, resumiu a história da imigração alemã para o Brasil

só homens, como iriam casar? Ele se incorporou à sociedade na região de Dois Irmãos, no Vale dos Sinos, onde acabou casando", comentou. E completa: "É uma bonita história,

planejada por dom Pedro que se preocupou em trazer jovens, homens, solteiros, para proteger o Rio Grande do Sul. Por isso a história da nossa imigração é diferente".

FOTOS: Silvestre Santos

A festa da comunidade em fotos

FOTOS: Silvestre Santos e Jorge Bruxel



Agnaldo Madeira, pastora Heidi Leschewitz e o presidente da comunidade Vilmar Haefliger, com as bandeiras do Brasil, Rio Grande do Sul e Alemanha



Na celebração: Lucas Horn, Rejane Mutzenberg, Martin Mutzenberg, Leônida Muller, Paulo Mutzenberg, Ilone Mutzenberg, Aldo Althaus, Terezinha Kleber, Valdecir Herpich e Neusa Pacini



Respeito e atenção em homenagem ao hino da Alemanha



Mão no peito e todos em pé para entoar o hino do Rio Grande do Sul



Desvio Blauth: Raul Herpich, a pastora Heidi Leschewitz e o presidente Vilmar Haefliger



O historiador Felipe Kuhn Braun em conversa com Selma Versteeg Mutzenberg, única neta viva de Jacó Versteeg, sobrevivente do sequestro dos índios nos primórdios da colonização alemã na região. O outro neto é Albano Lagemann que reside em Arroio do Meio



Grupo de Danças Folclóricas Alemãs, da cidade de Maratá, fez apresentação



Salão lotado: mais de 700 pessoas passaram pela festa dos 200 anos no Desvio Blauth



Vice-prefeito e pré-candidato a prefeito, Jonas Tomazini (C) com amigos, na festa



Felipe Kuhn Braun, pesquisador, vereador e escritor, com o ex-prefeito e pré-candidato a prefeito, Pedro Pedrozo (C), e o também parlamentar Roque Severgnini



Pré-candidato Dário Micael da Silva com o escritor e pesquisador Felipe Kuhn Braun



Encontro de prefeituráveis: pré-candidatos à prefeitura de Farroupilha, Pedro Pedrozo (E), Dário Micael da Silva e Jonas Tomazini, em pose para foto a pedido do Jornal O Farroupilha, manifestaram intenção de defender e valorizar a cultura alemã no encontro dos 200 anos no Desvio Blauth



Durante a festa: quem foi prestigiar o encontro alusivo aos 200 anos da imigração alemã teve direito a adquirir torta e sobremesa, como o sagu com creme de leite

